**Resumo** do artigo: “*A perception-action perspective on tool use development. Child Development, 71(1), 137-144.*” – Lockman, J. J. (2000).

Neste texto, Lockman propõe um novo caminho de pesquisa do desenvolvimento do uso de ferramentas, buscando considerar que o comportamento de tentativa para crianças pequenas representa oportunidade autogerada muito relevante para a aprendizagem perceptiva, com especial importância para as etapas de detectar e relacionar a pregnância (affordance - características de destaque) entre objeto x objeto, ou objeto x superfície.

O autor indica que na maioria das pesquisas psicológicas sobre o desenvolvimento do uso de ferramentas, busca-se observar as primeiras idades em que crianças podem inferir que algum objeto pode servir como ferramenta em uma nova situação de tarefa. Ou seja, há a busca pelo reconhecimento da intencionalidade da ação, como estratégia. Esses estudos descrevem a mudança nas formas de pega e utilização de ferramentas, com caráter mais informativo do que analítico, pois não abordam os processos pelos quais a criança passa para usar uma ferramenta e, podem trazer a ideia de “tudo ou nada” como se houvesse só uma maneira certa de concluir a tarefa – ao invés de explorar a percepção de como fazê-la.

Para contestar essa abordagem, são apresentados e valorizados exemplos de variação de utilização na pega e uso de ferramentas por crianças (como indivíduos únicos), sugerindo que a variação (uma hora a criança usa de um jeito e outra hora usa de outro) faz parte da construção da percepção-ação e interação corpo-objeto, de maneira produtiva e não como desperdício de tentativa. Por exemplo, manuseio de objetos de instrumentalidade similar (martelos), porém produzidos de materiais distintos (espuma e madeira) resultam em ações distintas de uso da ferramenta, a partir do reconhecimento da diferença do material.

Dois pontos de especial relevância são trazidos no texto: 1. o desenvolvimento do uso de ferramentas é apresentado como processo e não como aquisição abrupta. Um processo mais contínuo e gradual de descoberta; e 2. A noção de ferramenta depende da detecção da pregnância e das relações entre características de objetos e/ou/com superfícies. Ou seja, dentro do espaço de contato, a pregnância do objeto adquire (ou não) função. (Independentemente de sua intenção, o autor ressalta a importância da descoberta e exploração neste sentido).

Com essa visão ampliada, sugere-se que estudos futuros tenham foco além do uso de ferramentas apenas como problema cognitivo que requer um “insight” e pensamento crítico e capacidade de raciocínio relacional, adquirindo ganhos marcantes ao considerar a perspectiva evolucionária e de desenvolvimento do uso de ferramentas como uma extensão processual das tentativas ativas dos bebês de explorar e obter informações sobre o mundo.

**Questões** do artigo: “*Action, the foundation for cognitive development. Scandinavian Journal of Psychology; 50(6), 617-23*” – von Hofsten, C. (2009).

- O texto me trouxe a reflexão sobre qual seria a diferença entre um objetivo e uma ação parcialmente aleatória, ainda que diferente de um reflexo, mas que não esteja alinhada a uma intenção clara de resultado. Haverá nestas ações mais prospectivas menor propensão ao desenvolvimento da percepção, por não existir foco em um resultado, o que poderia criar desconexão do contexto? (Pensando no indivíduo adulto)

- Ao ler o trecho “A percepção fornece informações diretas sobre o estado do corpo e do mundo exterior e o que vai acontecer a seguir.”, me questionei sobre a importância de reconhecer a parcialidade da percepção como sensação de “verdade” – ou seja, a percepção poderá ser a “minha verdade”, mas assumi-la como informação direta do que vai acontecer a seguir pode desconectar um indivíduo de um contexto social, que é mais elaborado e que demanda menos parcialidade.

(observação – entendo que essa afirmação aqui está descolada do texto em geral, pq a análise da ação como meio de formação da percepção no texto não está insinuando usá-la como exclusivo recurso na vida adulta. Portanto, minha pergunta é mais uma reflexão – ou uma viagem rs.)

- Gostei especialmente do trecho dedicado ao tema “Motivos impulsionam o desenvolvimento” – O autor afirma que os dois motivos que impulsionam as ações são sociais e exploratórios. => Nesse ponto, pensando nos meus estudos sobre a motivação humana, em busca de autorrealização (self-actualization, sob a ótica da psicologia organizacional, com estudos de Abraham Maslow) como forma de desenvolvimento e exposição de si, pude encontrar bastante sinergia entre as ideias e conceitos.

Minha pergunta e desenvolvimento de questão sobre esse ponto seria relacionada à influência social, que pode se apresentar como impulso de ação, mas também como potencial barreira – quando um indivíduo ao invés de enxergar o motivo social como positivo, pode decidir não agir, por conta do contexto social (ex. “não vou fazer determinada ação, porque estou sendo feito de trouxa...” – o que pode ser também uma percepção bastante individual, a partir de sua história e experiências passadas)